

REVISTA MILITAR

Administração — Largo da Anunciada, 9 — Lisboa

N.º 9

Setembro de 1920

Ano LXXII

Director, proprietario e editor — Empresa da *Revista Militar*
Composição e impressão na TIPOGRAFIA DA EMPRESA DIARIO DE NOTICIAS
Rua do Diario de Noticias, 78 — Lisboa

A CAMPANHA DOS DARDANELOS¹

SEGUNDA PARTE

Ataque naval directo

1. — *Condições hidro-topográficas dos Dardanelos.* — Os Dardanelos formam um canal tortuoso de 47 milhas de extensão total, mas a parte realmente estreita, que vai desde a entrada do Egêo até Galípoli, representa um passo de 33 milhas. A' superfície, existe sempre uma corrente que caminha na direcção do Egêo, com a velocidade de 1,5 nós. A profundidade a meio do canal varia entre 45 e 60^m. O tempo é ali traiçoeiro e incerto.

Devido à estreiteza do canal, à corrente geral e a outras revessas que se cruzam nas enseadas que existem ao longo dele, a manobra dos grandes navios torna-se difficil.

A lingua de terra extensa e estreita que forma o lado NW do canal, é a Península de Galípoli. O ponto em que tem maior largura (cerca de 12 milhas) fica situado na altura da passagem mais estreita do canal, o Chanak. A largura da Península no seu extremo NE, ou istmo, onde ficam as linhas de Bulair, é apenas de 3 milhas. Mais para o SW, na linha que une Maidos a Gaba Tepe, a largura é de 5 milhas. Estas condições permitem que os navios do Golfo de Saros façam fogo através da Península, para as margens do canal.

A costa asiatica dos Dardanelos é menos elevada do que

¹ Vidé *Revista Militar* de Abril.

a europeia, os montes são relativamente baixos e arborizados, ao passo que na Península existem picos rochosos e escalvados. Em ambas as costas se encontram alturas que constituem posições vantajosas para a artilharia da defesa.

Das circunstâncias hidro-topográficas, resultam as condições seguintes para a acção naval ¹:

1.— Em quasi toda a extensão dos Dardanelos, só os navios muito pequenos podem possuir liberdade de manobra. Na parte central do canal, numa extensão de 5,5 milhas, da Ponta Kephez à Ponta Nagara, só num ponto tem mais de 3 milhas, e no ponto mais estreito, entre Kilid Bahr e Chanak, 1200^m. Ora, como é exactamente nesta zona do canal que estão estabelecidas as fortificações de maior importância, e aí a corrente atinge a maior violência, compreende-se que os grandes navios pouco mais podem fazer do que conservar-se praticamente estacionários, ou então navegar mais ou menos na direcção da corrente, em um ou outro sentido.

2.— Devido à angostura e à forma sinuosa do canal, não pode tirar-se todo o partido do grande alcance da artilharia grossa dos navios; isto é, o fogo directo dos navios contra os fortes só pode realizar-se quando êles estão já sob o fogo destes, embora armados com artilharia de muito menor alcance.

3.— Isto permite à defesa utilizar armamento que seria inútil na luta a grande distância: pode estabelecer baterias moveis de peças e obuses, que as condições topográficas permitem ocultar facilmente aos navios; e ainda, uma vez descobertas, podem ser deslocadas para outras posições, e executar de novo um fogo eficaz.

4.— A força da corrente não impedia o emprego eficaz de minas de contacto ou de observação, que podiam ser estabelecidas em campos extensos, tornando impossivel a passagem dos navios antes de uma rocega metódica de todo o canal, rocega provavelmente impossivel nas condições apontadas, além de que o inimigo podia facilmente barrar em uma noute a região rocegada na noute anterior. Por outro lado, a corrente, sempre na direcção do Egêo, tornava possivel um

¹ Fortnightly Review, Junho, 1915.

largo emprêgo de minas à deriva, que em grande parte anulavam o serviço da rocega das minas fundeadas.

5.—A estreiteza dos Dardanelos favorecia ainda o emprego de torpedos automóveis, lançados de baterias em terra, ou por meios improvisados.

2.—*A armada atacante.*—Os navios destinados ao ataque eram do tipo pre-Dreadnought, reforçados pelo cruzador de batalha «Inflexible» e pelo novo super-Dreadnought «Queen Elizabeth», o primeiro navio em serviço, armado com peças de 38^{cm}. Infelizmente as circunstâncias não permitiam, como vimos, tirar vantagens dêste poderoso armamento. A marinha francesa fez-se representar por 4 couraçados de tipo antiquado, e alguns cruzadores, e a marinha russa pelo cruzador «Askold».

Foram os seguintes navios de linha empregados nos primeiros bombardeamentos:

Nome	Armamento
Queen Elizabeth.	VIII 38, VII 15
Inflexible.	VIII 30, XVI 10
Agamemnon	IV 30, X 23
Irresistible	IV 30, XII 15
Cornwallis.	IV 30, XII 15
Vengeance.	IV 30, XII 15
Albion.	IV 30, XII 15
Triumph.	IV 25, XIV 19
Majestic.	IV 30, VII 15
Suffren	IV 30, X 16
Charlemagne.	IV 30, X 14
Gaulois.	IV 30, X 14
Bouvet.	II 30, II 27, VIII 14

3.—*As defesas.*—Segundo as informações publicadas pelo Almirantado Inglês, a entrada dos Dardanelos era guardada por quatro obras principais, armadas de peças Krupp:

Bateria do Cabo Helles.	(A) II 23
Forte Sedd el Bahr.	(B) VI 26
Forte Orkhanieh Tabia	(C) II 23
Forte Kum Kalessi Tabia.	(D) IV 26, II 15

Seguindo para o estreito, ou Passagem do Chanak, encontra-se do lado asiático o poderoso grupo de fortes de Chanak, e do lado europeu os fortes modernos de Kilid Bahr, compreendendo ao todo as seguintes obras principais:

Dardanus	(E) IV 15
	(F)
	(G)
Rumilieh Medjidieh.	(J) II 28, IV 24, V 88
Hamidieh II	(L) II 36
Namazieh	(T) I 28, I 26, XI 24, III 21, III 15
Hamidieh	(U) II 36, VII 24
Hamidieh III.	(V) II 36, I 24, I 21, IV 15

Para o Norte, seguem ainda as fortificações de Nagara, consistindo em obras modernas de terra e duas baterias; e na costa europeia fronteira, em Bokali, igualmente duas baterias.

Além de todas estas obras, existiam bocas de fogo de pequeno calibre, para a defesa dos campos minados, e as baterias móveis.

4. — *O ataque aos fortes exteriores.* — O ataque de artilharia iniciou-se no dia 19 de Fevereiro ¹, mas foi precedido de reconhecimento aéreo feitos nos dois dias anteriores e na manhã daquele mesmo dia, obtendo-se informações que confirmaram as que se possuíam relativamente aos fortes da entrada, notando-se ainda que parecia terem sido preparadas outras obras de terra em trincheiras, em grande numero, para a defesa dos pontos de possível desembarque.

Os navios que efectuam o bombardeamento em 19 são: «Suffren» (contra-almirante Gúepratte), «Bouvet», «Triumph», «Cornwallis», «Inflexible» (vice-almirante Carden, comandante em chefe) e «Albion».

O «Vengeance» (contra-almirante De Robeck) observa o fogo dos navios da sua divisão. O «Gaulois» está em apoio do «Suffren», e o cruzador «Amethyst» em apoio do «Albion», o qual, com 7 draga-minas, forma a esquadilha de rocega. Os navios iniciam o fogo às 9.51, e às 10.38 recebem ordem de fundear,

¹ Seguimos o relatório do almirante Carden, até o dia 16 de Março.

para poderem melhorar o seu tiro. A cada navio é indicado o forte-alvo, distribuindo-se os navios pelos quatro fortes da entrada, e sendo alguns encarregados da observação do fogo dos outros. A observação pelos aviões não dá resultados apreciáveis.

À 1.56 (p. m.), reconhecendo o comandante em chefe que «os efeitos produzidos pelo bombardeamento a grande distância são tão importantes que permitem aos navios aproximarem-se mais dos fortes», faz sinais para êste movimento.

Os fortes tinham-se conservado silenciosos durante o bombardeamento distante, e só às 4.45, depois de iniciado o ataque próximo, os fortes A e C abrem o seu fogo contra os navios «Cornwallis» e «Vengeance», que se encontram a curta distância. Estes, com o «Bouvet», concentram o seu fogo sobre o forte A, que reduzem ao silêncio, e às 5 horas sobre o forte C.

A's 5.09 é dada ordem de retirada aos navios, porque «piora a visibilidade da terra, ao passo que os navios se apresentam destacados contra o céu de poente».

«O resultado da acção mostra claramente que o efeito de um bombardeamento a distância, com tiro dirigido contra fortes modernos com obras de terra, é pequeno; os fortes A e C pareceram ter sido atingidos muitas vezes por granadas ordinárias de 30^{cm}, bem dirigidas, mas, quando os navios se aproximaram, as quatro peças destes fortes abriram fogo».

De 20 a 24 de Fevereiro, o mau tempo obriga a suspender as operações, que recommençam a 25, mas em condições de tempo que não permitem ainda que os hidro-aviões tomem parte, devido a estar o mar muito agitado. No bombardeamento do dia 25, os navios de linha, em numero de 12, recommençam a operação a grande distância das obras, tomando, porém, já precauções contra um possível ataque de flotilhas, vindo do largo, para o que se estabelece deste lado uma cobertura com 8 destroyers. Tomam também parte na operação 2 submarinos.

A força naval distribui o seu fogo contra as quatro obras, com os navios seguintes fundeados:

Queen Elizabeth	contra o forte B
Agamemnon	contra o forte A
Gaulois	contra o forte D
Irresistible	contra o forte C

A's 10.33 o forte A tem regulado o seu tiro sobre o "Agamemnon", que é obrigado a suspender e a afastar-se, deixando desde logo de ser atingido. Logo depois, às 10.44, o mesmo forte abre fogo contra o "Gaulois", que é obrigado igualmente a suspender. A's 10.45 o "Queen Elizabeth" abre fogo contra este forte, cujo fogo continua dirigido contra o "Agamemnon" e o "Gaulois", mas os seus tiros são curtos, parecendo que o alcance máximo não excede 10.000 metros.

Os navios assinalam algumas destruições nos fortes, e o comandante em chefe ordena um primeiro reconhecimento aproximado, a realizar pelo "Vengeance" e pelo "Cornwallis", o qual se inicia às 12.45, enquanto os outros navios, formando cobertura, fazem fogo nutrido sobre os fortes que lhes são designados. Os navios de reconhecimento concentram o seu fogo sobre os fortes A e C, que não respondem; em compensação, os fortes B e D abrem fogo, mas incerto e fazendo poucos tiros. Á 1.22, terminado o reconhecimento, todos os navios suspendem o fogo.

Como resultado do reconhecimento, o comandante em chefe assinala às 2.15: "A bateria A está fora de combate, a C não está guarnecida", e ordena um novo reconhecimento ao almirante Gúepratte, devendo concentrar o fogo sobre os fortes B, C, D, especialmente o D. O reconhecimento é feito pelo "Suffren", seguido a 2.700^m pelo "Charlemagne", com fogo preciso. Só o forte D dispara uma salva durante o reconhecimento, que terminou às 3 horas. "Durante este reconhecimento, os navios de cobertura fazem pouquíssimos tiros; é evidente que os fortes estão reduzidos ao silêncio".

Os navios "Albion" e "Triumph" recebem então ordem de se aproximarem a 1.800^m dos fortes, respectivamente da costa Norte e da costa Sul e, mantendo-se em movimento, destruirão alguns canhões ainda intactos. Os fortes disparam ainda um ou outro tiro isolado, mas continua o fogo de peças ocultas de 15^{cm} provavelmente em baterias móveis.

A's quatro horas os fortes estão reduzidos ao silêncio e a flotilha de rocega avança para a entrada do estreito, a fim de recomeçar o serviço, protegida pelos três couraçados "Albion", "Triumph" e "Majestic" e 6 destroyers. Não são encontradas minas durante a operação. O resto da armada regressa a Tenedos durante a noite.

5.— *Reconhecimento das defesas interiores e rocega dos campos minados.*— Na manhã seguinte, de 26, os couraçados que ficaram penetram no Estreito, batem do lado de dentro os forte B e D, e atacam a bateria De Totts (Eski Hisarlik). O «Albion» avança, apoiado pelo «Majestic» até 11.000^m do forte E (Dardanus), que ambos atacam fundeados, sofrendo o fogo de peças e obuses da costa asiática.

Os destroyers «Jed» e «Chelmer» fazem, entretanto, um importante reconhecimento sobre as duas costas do canal, até à linha White Cliffs-Suandere, empenhando-se contra as baterias ligeiras inimigas, fundeando algumas grandes boias para a regulação do tiro e identificando varias baterias.

A's 2.30 (p. m.), parecendo que o inimigo tem abandonado Sedd el Bahr e Kun Kale, dos dois lados da entrada, resolve-se desembarcar destacamentos para efectuar demolições nos fortes B, C, D, o que eles executam, tendo encontrado fraca resistencia, mas é impossivel verificar os resultados por ser já tarde. O inimigo, em força em Seed el Bahr, impede de alcançar o forte A.

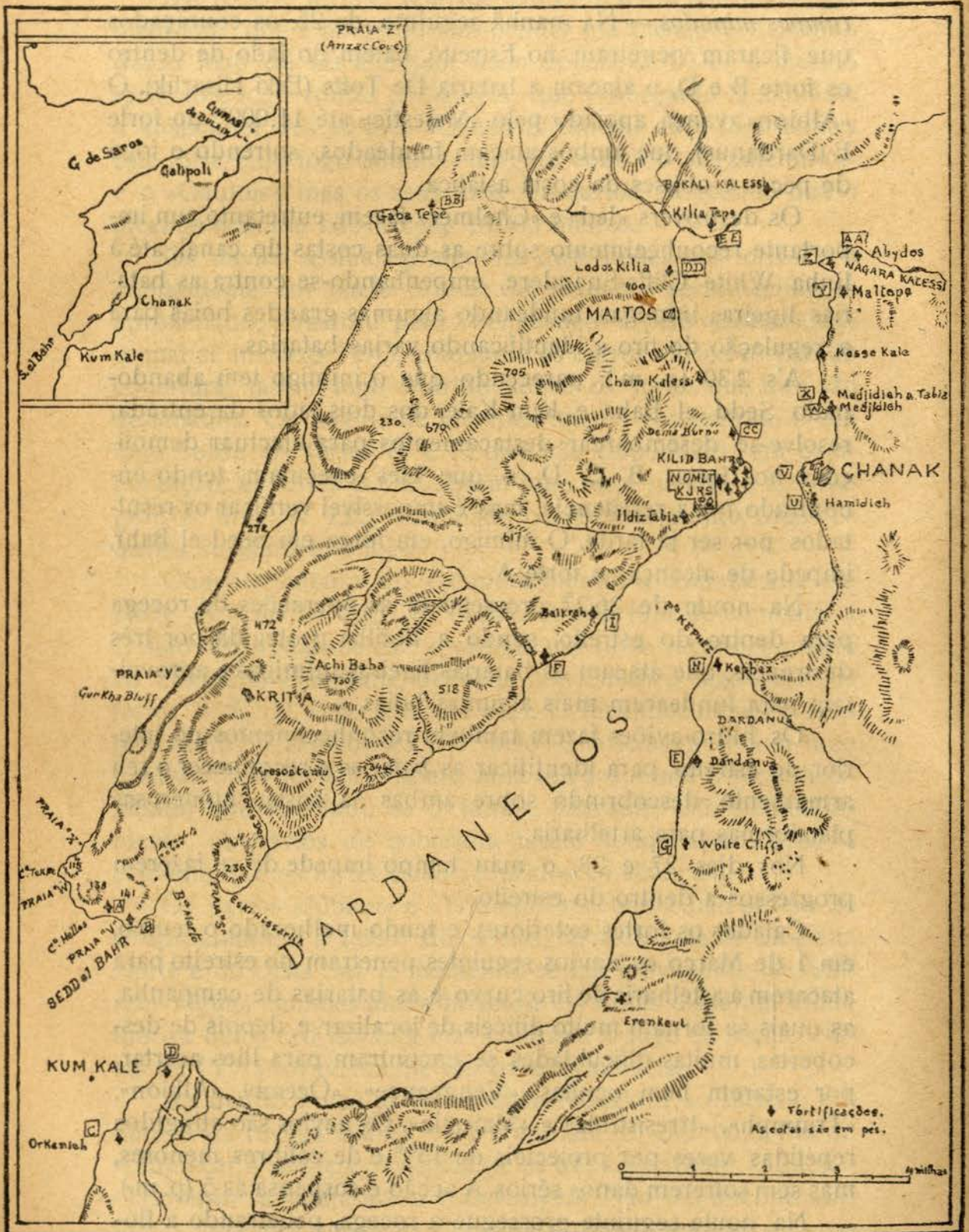
Na noute de 26:27 prosseguem as operações de rocega para dentro do estreito, sendo a flotilha protegida por três destroyers, que atacam as baterias ligeiras inimigas e aproveitam para fundearem mais algumas boias.

Os hidro-aviões fazem tambem reconhecimentos no interior do estreito, para identificar as baterias e reconhecer o seu armamento, descobrindo sobre ambas as costas numerosas plataformas para artilharia.

Nos dias 27 e 28, o mau tempo impede de se fazerem progressos a dentro do estreito.

Calados os fortes exteriores, e tendo melhorado o tempo, em 1 de Março os navios seguintes penetram no estreito para atacarem a artilharia de tiro curvo e as baterias de campanha, as quais se tornam muito dificeis de localizar, e, depois de descobertas, muitas dificuldades se encontram para lhes acertar, por estarem bem ocultas: «Vengeance», «Ocean», «Albion», «Triumph», «Irresistible» e «Majestic». Os navios são atingidos repetidas vezes por projecteis de 15^{cm} e de calibres menores, mas sem sofrerem danos sérios. A acção é suspensa ás 5 (p. m.).

Na noute seguinte prossegue a rocega, penetrando a flotilha respectiva até 2.700^m da Ponta Kephez, protegida pelos



destroyers; aqui as baterias iniciam o fogo, e a flotilha retira, sempre protegida pelos destroyers, sem perdas.

No dia seguinte, 2 de Março, três couraçados prosseguem no ataque, que tem por efeito obrigar a guarnição do forte E a abandoná-lo, com danos que se desconhecem. As baterias de obuses e peças de campanha, ocultas, fazem um fogo violento, que não pode ser reduzido ao silencio pelos navios, os quais são feridos repetidas vezes, com algum dano material. Na noite prossegue a rocega: a flotilha, coberta pelos destroyers, tenta de novo operar no campo minado de Kephez, mas faz poucos progressos, devido ao fogo violento do inimigo.

No dia 3 repete-se de dia o ataque aos mesmos fortes e às baterias, e durante a noite a rocega.

Os hidro-aviões voltam a ser empregados no reconhecimento, mas não conseguem localizar as baterias que fazem fogo contra os navios.

No dia 4, permanecendo a incerteza sobre a destruição dos fortes da entrada, fazem-se desembarcar destacamentos mineiros, para completar a destruição, protegendo-os por um destacamento da Brigada de Marinha: uma companhia de 259 homens sobre cada uma das costas. Em ambos os pontos encontram forte resistencia. Em Sedd el Bahr, o destacamento re-embarca, sem nada conseguir. Em Kum Kale, o destacamento não consegue alcançar o forte, e, para poder abrir caminho na retirada, torna-se necessário que os destroyers se aproximem e bombardeiem as trincheiras inimigas.

6. — *Ataque às defesas interiores e rocega.* — No dia 5 inicia-se o ataque aos fortes da passagem do Chanak, por bombardeamento indirecto, executado pelo «Q. Elizabeth», do golfo de Saros. Três hidro-aviões deviam observar o tiro; mas, devido a incidentes, nada conseguem fazer. O «Q. Elizabeth» é atingido várias vezes, mas sem sofrer grave dano. A operação continua no dia seguinte, sendo o fogo do «Q. Elizabeth» observado no interior do estreito pelo «Vengeance». Quatro outros couraçados atacam os fortes de Chanak, com resultados que se desconhecem ¹.

¹ Por este tempo, a esquadra inglesa aparece-nos reforçada com os seguintes couraçados: «Prince George», «Canopus», «Swiftsure», «Ocean» e «Lord Nelson».

De noute, prossegue a rocega com alguns resultados, mas o tiro inimigo obriga ainda a flotilha a afastar-se do campo minado de Kephez.

No dia 7, o ataque aos fortes é iniciado pelos couraçados franceses, aos quais se vão juntar o «Lord Nelson» e o «Agamemnon», que atacam os fortes da passagem com fogo directo, a distâncias de 11.000 a 12.000^m. Depois de um duro combate em que estes navios são atingidos por projecteis de grosso calibre (enquanto os couraçados franceses impedem o fogo dos obuses e baterias terrestres), dois dos fortes (N.^{os} 13 e 19) são reduzidos ao silêncio.

No dia 8, o «Q. Elizabeth» penetra no estreito, para continuar o ataque aos fortes de Kilid Bahr, agora com tiro directo; as condições atmosféricas sendo desfavoráveis, os hidroaviões não podem observar, e conclue-se pouco do tiro. Durante a noute, prossegue a rocega nas mesmas condições.

Nos dias 9 e 10, as operações continuam semelhantemente. Os fracos progressos na rocega, levam a realizar um maior esforço na noute de 10:11; os draga-minas, auxiliados por vedetas com antenas explosivas, penetram no estreito protegidos pelos destroyers, pelo cruzador «Amethyst» e pelo couraçado «Canopus». Este abre fogo contra a bateria e projectores que defendem o campo minado da Ponta Kephez, mas não consegue apagar as luzes, ficando a flotilha sujeita a um fogo vivo de peças de 152 e menores.

«Os draga-minas e as vedetas conseguem chegar ao campo minado, com intenção de rocegar no sentido da corrente. As vedetas destroem diversas obstruções de corrente, mas só uma parelha consegue efectuar a rocega, e o resultado final é pequeno». Dois *trawlers* são avariados pela artilharia e um salta por efeito de mina.

O fraco êxito da rocega faz paralisar as operações dos grandes navios.

Na noute de 11:12, «os draga-minas recusam-se a afrontar o fogo violento que as baterias abrem sobre eles e sobre os destroyers de protecção». Na noute de 12:13, tenta-se operar com os draga-minas franceses, mas também estes são rachaçados por um fogo violento.

Na noute de 13:14, executa-se um ataque decisivo ao campo minado, com *trawlers* guarnecidos por oficiais e equi-

pagens de voluntários, com um plano semelhante ao tentado na noute de 10, isto é, alcançar o campo de minas, e rocegar em seguida a favor da corrente. A operação inicia-se por um bombardeamento dos projectores e baterias, feito pelo «Cornwallis», enquanto o «Amethyst» com os destroyers protegem a flotilha.

«A defesa do campo minado está bem organizada, e os draga-minas e as vedetas são obrigados a atravessar um espaço iluminado por 6 projectores poderosos, sob o fogo do forte N.º 13 e das baterias N.ºs 7 e 8, além do de numerosas peças de pequeno calibre, calculadas em 20 a 30 por cada costa.

«A passagem realiza-se, mas, no momento de dar a volta, sómente uma parelha de *trawlers* consegue iniciar a rocega, devido aos danos sofridos pelos guinchos e pelos aparelhos, e à perda de homens. As vedetas fazem excelente serviço, destruindo as correntes com antenas explosivas. O «Amethyst» atrái sobre si o fogo das baterias em um momento crítico, e sofre grandemente.

Nas tres noutes de 15, 16 e 17 são suspensas as operações de rocega do campo minado de Kephez, empregando-se os *trawlers* em rocegar completamente a area na qual os navios deviam manobrar, nos seus ataques combinados contra os fortes da passagem do Chanak e o campo minado de Kephez.

7.—*Ataque final*—A impaciencia de Mr. Churchill leva a abandonar o processo da redução gradual dos fortes, substituindo-o por um *tour de force*, que devia realizar-se a 17, contra as defesas de Chanak. Mas a 16 adoece o almirante Carden, que é substituido pelo almirante De Robeck, e a operação vem a realizar-se a 18, exactamente um mês depois do início do ataque aos fortes exteriores.

Supõe-se geralmente que se tratava de uma tentativa deliberada de forçamento, mas na realidade tal cousa não esteve nunca na mente do comando local, que apenas tinha por objectivo immediato limpar o tríplice campo de minas que barrava a entrada Sul da passagem Chanak. (1) Isto mesmo se deduz das palavras com que abre o relatório do almirante De

(1) Ashmead-Bartlett, Correspondencia para o *Times*, em 24-11-1915.

Robeck: (1) «Não tendo tido êxito de noute as tentativas para limpar o campo minado da Ponta Kephez, torna-se necessário executar a operação de dia.»

É evidente que a armada se encontrava preparada para tirar partido de uma situação favoravel que se lhe deparasse para passar ao forçamento.

Dentro do estreito, julgava-se que não seria possível conservar os navios fundeados, devido ao fogo violento dos obuses, que podia desencadear-se sobre eles; mas, na realidade, os navios, durante este ataque do dia 18, «permanecem parados, para que o tiro da armada possa ser o mais preciso possível», salvo deslocamentos ocasionais para se subtraírem ao tiro inimigo.

As 8,15 o comandante dos draga-minas informa que a zona compreendida entre as distancias de 7 a 9 mil metros na qual os navios deverão manobrar foi percorrida pela flotilha durante a noute, não sendo encontradas minas.

A armada fôra dividida em tres partes para a operação: Linha «A», composta de «Prince George» (extrema esquerda), «Agamemnon», «Lord Nelson», «Queen Elizabeth», «Inflexible» e «Triumph» (extrema direita).

Primeira linha «B», formada pelos 4 couraçados francezes: «Suffren», «Bouvet», «Gaulois» e «Charlemagne».

Segunda linha «B», ou linha de refresco, constituída pelos couraçados ingleses: «Vengeance», «Irresistible», «Albion» e «Ocean», apoiados pelo «Swiftsure» e «Majestic».

A's 10.30 a linha «A» avança, precedida dos destroyers, que, dotados de aparelhos ligeiros de dragagem, vão limpando a sua frente. Alem disto, cada couraçado tem à disposição uma vedeta, à qual está a cargo a remoção ou a destruição de minas flutuantes.

A's 11 horas começa o tiro contra as peças de campanha e obuses que fazem fogo da costa asiatica. A's 11.25 o «Q. Elizabeth» inicia o fogo contra os fortes da passagem, e às 13.36 toda a linha «A» faz fogo. O «Q. Elizabeth», o «Inflexible», o «Agamemnon» e o «Lord Nelson» atacam a cêrca de 13.000 m. os fortes J, L, T, U, V, enquanto o «Triumph» e o

(1) Para as operações do dia 19, seguimos o relatório do almirante De Robeck.

«Prince George» fazem fogo a cêrca de 9.000 m. contra as baterias F, E, H. A linha encontra-se sob um fogo violento de obuses e peças de campanha, e todos os navios são atingidos varias vezes; isto alê m dos fortes da passagem. Mas, como a distancia se aproxima de 13.000 m., é evidentemente exagerada para estes, que só fazem poucos tiros e sem resultado.

A's 0.6 (p. m.) a primeira linha «B» recebe ordem para passar através da linha «A» e de empenhar os fortes a uma mais curta distancia.

O «Suffren» guia a coluna francesa através da linha «A», seguido, a certa distancia, pelo «Bouvet», e às 0,32 chega sob o alcance do fogo dos fortes da passagem, contra os quais se empenha. A acção torna-se então geral, atacando ambas as linhas «A» e «B» não só os fortes, como as baterias ligeiras.

O «Agamemnon», tornando-se alvo da maioria das baterias ligeiras, executa uma rotação completa, e as baterias perdem a alça.

O tiro dos fortes é bom, e dirigido especialmente contra a linha «A» («Triumph» e «Prince George»). A' 1.15 a linha «B» encontra-se sob um fogo violento, mas desde este momento o forte E cessa o fogo, e começa a notar-se um ligeiro enfraquecimento geral. A' 1.35 o «Inflexible» abandona a formatura para apagar um incendio e desatrarancar a plataforma de direcção do iiro, desmantelada por um projectil inimigo.

A' 1.43 o fogo do inimigo é fraco, e os draga-minas recebem ordem de avançar.

O comandante em chefe ordena à esquadra francesa (primeira linha «B»), com o «Triumph» e o «Prince George» para sairem do estreito, sendo mandada avançar, para os substituir, a segunda linha «B». O «Suffren» guia a coluna na saída, seguido pelo «Bouvet». Dá-se uma forte explosão no flanco direito dêste último, que se vira e se afunda em dois minutos.

A's 2.15 os fortes têm cessado o fogo, e os unicos navios que atiram são praticamente o «Q. Elizabet» e o «Lord Nelson»; mas às 2.30 os fortes recomeçam o fogo. A's 2.32 a segunda linha «B» atravessa a linha «A», atacando os fortes a mais curta distancia. A's 3.14 todos os fortes fazem um fogo vivo, mas sem precisão.

A's 4.11 o «Inflexible» faz sinal de ter chocado com uma mina e segue para fora do estreito.

A's 4.14 o «Irresistible», que desde as 3.32 tinha começado a inclinar-se, encontra-se em condições de não poder mover-se, por ter os dois compartimentos das máquinas alagados e o «Ocean» recebe ordem de se preparar para lhe dar reboque. Quando às 4.50 o comandante em chefe tem conhecimento de que também a avaria do «Irresistible» era por efeito da mina, dá ordem à segunda linha «B» para retirar.

A operação podia considerar-se desde então como tendo falhado por completo. O comandante em chefe decide, «em vista da inesperada ameaça das minas, abandonar a rocega do campo minado de Kephez, não sendo conveniente manter os navios no interior dos estreitos para proteger os draga-minas.»

A's 6.05, o «Ocean», enquanto retira, choca com uma mina. Desembarca a guarnição, e nada se podendo fazer para salvar o navio, é abandonado no centro do canal às 7.30. Este e o «Irresistible» afundam-se durante a noite.

A armada vai fundear à noite em Tenedos, ficando o «Canopus» e o «Cornwallis» com os destroyers, de guarda ao estreito. Os navios avariados, «Inflexible» (por mina) «Suffren» e «Gaulois» (pelo fogo da artilharia), são depois enviados para Malta, para sofrerem reparações.

(Conclue.)

ALFREDO BOTELHO DE SOUSA.

Capitão-tenente

CAVALARIA

Sua preparação para a guerra

E' velho costume, ao terminar das guerras, tirar imediatas conclusões e apressados ensinamentos, muitas vezes sem bases sérias, outras partindo de principíós errados e quantas vezes por satisfação de ideias preconcebidas e até facciosas. Assim se entra num encadeamento de discussões e raciocínios falsos, pouco sinceros, e frequentemente de caracter apenas especulativo, que enchem as revistas e os livros acabando por fazer doutrina, o que não teria inconveniente de maior, se não lançassem a opinião em conclusões perigosas para a eficiencia da defesa nacional. Mas, decorrem tempos e a experiencia, faz-se pagar cara e todos repelem então os tais principios balofos e gratuitos.

E' então tarde.

E' assim que tanta vez se tem proclamado «a falencia da cavalaria», tal qual como agora mais uma vez se faz. Mas, tem companheiros na desgraça: o «snobismo militar» manda hoje considerar como ensinamento da guerra o desaparecimento da «Rainha das batalhas» perante os carros de assalto que constituem, como se sabe, a 5.^a ou 6.^a arma e para que a artilharia não cante vitória anunciam-lhe para breve a perda da hegemonia pela razão simples que os progressos da aviação de bombardeamento, permitirão a sua supressão!! Esperemos que estas e outras afirmações valham tanto como aquelas em se que proclamava a guerra de trincheiras como o tipo de guerra a estudar para futuro... Palavras loucas... Até lá mais uma vez a cavalaria rejuvenescerá «como a fenix das proprias cinzas» e provará pelo aço das suas armas e pulmões dos seus cavalos que de direito existe e existirá enquanto não forem vãos os principios que regem a intima ligação das armas.

Apenas acontece — e aí erram certos doutrinários — que os principios de emprego da arma evolucionam, como evoluciona tudo o que existe sob o sol; apenas acontece que os cavaleiros — e aí a sua culpa — levados por um excesso de idealismo que não é dos tempos correntes, reagem temendo ver perder à sua arma as características de dedicação e audácia que são o seu patrimonio.

Como cavaleiro estamos ainda bem crentes no futuro da arma. Mas como o nosso convencimento moral não bastaria certamente para convencer aqueles a quem compete a direcção e a impulsão do nosso exército, trazemos hoje às páginas da *R. M.* um documento de que ninguem contestará certamente o valor. Referimo-nos à «Nota confidencial de 3 de agosto de 1919 do G. Q. G. francês», nota que ha pouco teve publicidade e que traz em baixo o nome illustre do marechal Pétain. Supomos que tão alta rúbrica é garantia sobeja das suas afirmações e é curioso fazer notar — foi um «infante» dos mais crentes e mais entusiastas pela arma que foi a martir desta guerra, dizendo-se que quando coronel o seu regimento se distinguia pelo optimo treino físico e pelo vigor e energia com que marchava, até em competição com a cavalaria.

Nessa nota destinada a orientar e a impulsionar a instrução das unidades de cavalaria do exército francês, se tocam os seguintes e interessantes pontos:

- Objectivo visado pela nota.
- Principios do emprego da cavalaria.
- Possibilidades de emprego.
- A cavalaria do futuro.
- Metodos e processos de instrução.

Assim se verá o seguinte:

A proposito da instrução nas unidades de cavalaria

A cavalaria atravessa actualmente um periodo de crise de ordem material. Esta crise é devida á desmobilização de um número consideravel de graduados de todas as categorias, graduados estes, que a escassez ou mesmo a ausência de contingentes affectos à arma durante os últimos anos, não permite substituir.

A esta crise de ordem material, junta-se uma outra de ordem moral.

Certos oficiais que, tendo feito uma grande parte da campanha fora da cavalaria, não presenciaram na sua arma os acontecimentos do ano de 1918, entraram nos seus regimentos cheios de duvidas acerca do futuro desta arma. Outros, que, no seu posto de cavaleiro, não puderam vêr senão uma pequena parte do campo de batalha, sem lhes ser possível um exame debaixo do ponto de vista geral, colheram das suas observações uma concepção muito restrita do emprego da cavalaria na guerra.

Na hora em que os regimentos vão ter que instruir um importante contingente de recrutas, na hora em que a devoção de todos os oficiais e graduados, será mais que nunca posta á prova para salvaguardar o espirito de corpo e as sãs tradições da arma, é necessário que todos sigam a mesma ordem de ideias, e que sejam definidos com nitidez os princípios e as possibilidades do seu emprego, tais como saltam á vista dos ensinamentos da guerra.

Só é possível instruir bem com fé absoluta no que vale aquilo que se ensina.

Princípios de emprego da cavalaria

A possibilidade de se mover rápidamente e através de qualquer terreno, meios de fogo poderosos, juntos a uma grande capacidade manobradora, são as qualidades distintas da cavalaria.

Como para a infantaria e artilharia, a organização da cavalaria está feita, tendo em vista dar-lhe a maior potência de fogo que seja possível.

Contudo esta potência de fogo é-lhe dada sem a sobre-carregar, porque a sua própria organização exige conservar á arma a velocidade e a mobilidade, que são as suas qualidades fundamentais, que lhe permitem ao mesmo tempo transportar-se rápidamente através de qualquer terreno, e manobrar. Nenhuma arma pode possuir qualidades no mesmo gráu que a cavalaria.

O máximo de potência de fogo é obtido como para a infantaria, pelo emprego de armas automáticas, e, deste modo

os principios de emprego destas armas indicados para a infantaria são tambem applicáveis à cavalaria. Emfim, as grandes unidades de cavalaria possuem uma artilharia poderosa.

Mas, se a cavalaria, no decorrer de uma batalha pode, graças ao aumento da sua potência de fogo, ser encarregada das missões mais diversas, ela continua a ser:

— Antes da batalha, um órgão de cobertura e de reconhecimento ;

— Depois da batalha, um instrumento essencial da exploração do successo.

Durante estas duas fases o combate a cavalo pode e deve ser concebido, frizando bem que esta acção a cavalo só se emprega :

— Contra uma cavalaria que procura ou aceita este modo de combate ;

— Contra uma infantaria atacada de surpresa ou tomada de panico ;

— Contra uma artilharia em marcha ou colocada numa posição aventureira.

Possibilidades de emprego

A cavalaria orgânica dos corpos de exército e das divisões de infantaria, assegura o desenvolvimento do successo cooperando tanto quanto possivel nas acções da infantaria, conservando o contacto com o inimigo, esclarecendo e cobrindo as grandes unidades do exército na sua progressão em terreno livre.

As divisões de cavalaria, reunidas em corpos de cavalaria ou separadas, formam reservas à disposição do comando em chefe.

Elas são empregadas :

1.º — Em acções de cobertura e reconhecimento de preferência nos flancos e em particular no flanco mais exposto ;

2.º — Como órgãos ofensivos suscéptiveis :

— De aumentar bruscamente o alcance de um ataque envolvente, estendendo-se mesmo sobre as comunicações do inimigo ;

— De aproveitar todas as ocasiões favoráveis para precipitar a retirada do adversário e transformá-la em derrota.

3.º— Como órgãos defensivos suscéptiveis:

— De retardar a progressão do inimigo ou de tapar rápidamente uma brecha feita por este no dispositivo da batalha;

— De constituir, sobre certas partes da frente um conjunto de tropas ligeiras e facilitar assim ao comando o «emprego das reservas».

A cavalaria de futuro

Toda a tática de cavalaria tem de ser baseada na sua mobilidade e na sua potência de fogo. A sua organização e armamento actuais permitem-lho.

Mais do que nunca, importa conservar e desenvolver as preciosas qualidades de vigôr, inergia, audácia e dedicação tradicionais da arma.

Estas qualidades permitiram à cavalaria no decorrer da guerra, fazer fáce ás situações mais imprevistas e constituir em proveito das outras armas uma reserva inesgotavel de quadros que sempre e por toda a parte se distinguiram.

A prática constante dos *sports* e em particular de uma equitação sã e astuciosa, através de qualquer terreno, é um dos meios mais próprios para manter e desenvolver o espirito de audácia e iniciativa que tem-feito e farão sempre honra à arma.

Metodos e processos de instrução

Os métodos de instrução continuam a ser os prescritos em todos os regulamentos da arma. Eles tem largamente dado as suas provas.

A sua base é constituída pelos regulamentos e instruções em vigôr:

— Regulamento de 14 de maio de 1912 (para a instrução, evoluções e combate da cavalaria a cavalo);

— Instruções sôbre o emprego da cavalaria na batalha de 26 de maio de 1918 (G. Q. G. 3.ª repartição);

— Instruções sobre a ligação, emprego tático das metralhadoras, organização do terreno (particularmente 1.ª parte);

— Combate à baioneta, escola do granadeiro, escola ele-

mentar de organização do terreno, material, conhecimentos necessários ao comandante de secção.

A necessidade de uma instrução cuidadosamente ministrada, impõe-se tanto mais à cavalaria quanto mais tempo ela está sem desempenhar o seu papel especial, que pode repentinamente aparecer-lhe numa guerra diferente da que acabou, papel este, em que a rapidez de acção será capital. Ora, a rapidez de acção supõe imediatamente a existência de movimentos reflexos.

E' um dever imperioso, para todo o comandante de unidade de desenvolver constantemente a sua instrução pessoal, como a dos seus subordinados — muitos deles, improvisados oficiais durante a guerra, não tendo recebido ainda, numa escola de aplicação, nenhuma instrução militar completa.

Os estudo profundo de todas as operações, nas quais tomou parte cada regimento durante a guerra, constituirá uma fonte inesgotável de exercícios, que terão um grande interesse em serem estudados.

Assim, baseado nas belas acções do regimento, o ensinamento contribuirá para realçar e desenvolver o espirito militar da unidade.

Para se contar em absoluto com este resultado nos regimentos de cavalaria reconstituídos, é necessário ter confiança no sentimento do dever, na decisão e devoção de que a cavalaria nunca deixa de dar provas.

O general, inspector geral da cavalaria e os generais comandantes das divisões de cavalaria assegurarão em todos os escalões do comando a aplicação das prescrições que precedem.

a) PÉTAÏN.

A doutrina que acabamos de transcrever é mais que cara a todos os cavaleiros e parece-nos que bem proveitosa e oportuna ao nosso exército. Fala-se hoje muito na sua remodelação — não dizemos reorganização — em que serão mantidos na sua essencia os principios orgânicos de 1911. Humilde cavaleiro falha-nos a competência para discutir tal base; no entanto julgamos próprio da franqueza de soldado que muito ama o seu exército, dizer que é absolutamente urgente que medidas rápidas e energicas se tomem naquele

sentido e que nelas, as ideias preconcebidas que sôbre a cavalaria teem alguns poucos não consigam vencer a maioria dos que, bem de posse dos principios da intima cooperação das armas, julgam indispensável mante-la num pé de organização e instrução de que ella hoje está muito distante. Por isso pedimos licença para sôbre a presente nota chamar a atenção dos esclarecidos espiritos, que neste momento trabalham com afinco na reconstituição do nosso exército numa hora entre todas grave.

CAPITÃO B.



Pacifismo

(Continuado da pag. 171)

A acção dos socialistas nos momentos que precederam a guerra

O Vorwaerts de 29, se bem que admite que «a atitude de Guilherme II durante os últimos anos foi a de um amigo da paz», declara francamente, correndo até o risco de deixar-se apanhar nas rêdes do Código Penal, que a solução do conflito depende agora do Kaiser:

«Todo o político consciente, todo o ser humano capaz de sentir, todo o amante sincero da civilização, pergunta a si próprio: «Que podemos fazer para impedir esta terrível afronta à civilização? Como evitar essa horrível matança?»

Nesse dia 29 realizavam-se em tôda a Alemanha milhares de comícios socialistas. A um dos 28 que se efectuaram em Berlim assistiram 70.000 pessoas.

Em muitos lugares, especialmente na capital, houve conflitos entre os socialistas dum lado, e os nacionalistas e a policia do outro.

No dia 31 de julho o govêrno alemão declarou o *Zustand der drohenden Kriegsgefahr* ou «estado de perigo de ameaça da guerra», quasi equivalente ao estado de sítio. Apesar da situação especial em que a imprensa se encontrava naquelas circunstâncias, o *Verwaerts* atreveu-se a publicar o seguinte:

«Exigirá a Austria à Sérvia concessões que correspondam a apagar o seu nome da lista das nações independentes? Ou dar-se-há por satisfeita exigindo garantias contra novas conspirações e assassinios sérvios?

«É possível que a Austria careça de tal modo de consciência, que fique surda a tôdas as advertências? É possível que a Alemanha se encontre disposta a fazer tudo o que a sua aliada queira?»

O dia 1 de agosto foi dia de grandes acontecimentos: a Alemanha declarou guerra à Rússia; a França decretou a mobilização geral das forças de terra e mar; a Belgica, prevendo o crime que ia ser cometido para com ela, procedeu também à mobilização geral; a Itália declarou que não interviria no conflito; e as tropas alemãs violaram a neutralidade do granducado de Luxemburgo.

Exactamente nesse dia chegava a Paris o socialista Müller, membro do Comité dirigente do partido alemão, enviado expressamente pelo *Parteivorstand* para avistar-se com os elementos dirigentes do partido francês. Farbas Ribas conhece por observação directa os detalhes das impressões trocadas entre o delegado alemão e os socialistas franceses, sôbre o que escreve:

«Nem o *Parteivorstand*, nem a minoria socialista do Reichstag tinham tomado resoluções concretas, quando Müller saiu de Berlim. A viagem deste a Paris tinha por fim informar-se da attitude dos socialistas franceses, a fim de que os partidos da França e da Alemanha seguissem, caso fosse possível, uma linha de conduta identica. Müller assegurou, por tôdas as formas, que entre os deputados da minoria socialista alemã havia duas tendências: uma, partidária do voto contra os créditos de guerra; e outra, que defendia a abstenção pura e simples; acrescentando, que em seu entender, os que desejavam votar contra estavam em maioria. Quanto à hipotese de Müller considerava-a fóra de tôda a discussão. Os socialistas franceses fizeram saber que estavam convencidos de que o govêrno da Republica desejava sinceramente a paz, e que se a guerra estalasse, apesar dos esforços da França para a evitar, os socialistas não teriam senão dois caminhos a seguir: ou votarem a favor dos créditos de guerra, ou absterem-se.

Finalmente, sem estabelecer um acôrdo concreto, resolveu-se, que apos a troca de impressões que acabava de realizar-se, os dois partidos adoptariam, com plena autonomia, as decisões que as circunstâncias aconselhassem; mas, procurando sempre, dentro dos limites do possível, salvaguardar a unidade de acção do proletariado internacional.»

Ainda no dia 1 de Agosto o *Parteivorstand* publicava um manifesto declarando que a classe «não contemplava com uma impassibilidade fatalista os acontecimentos que se estavam

desenrolando" e que *"os socialistas permaneceriam fieis à sua causa, unidos e perfeitamente compenetrados da grandeza da sua missão civilizadora"*.

O *Worwaerts* do dia seguinte dedicava tôda a sua primeira página a Jaurés e no dia 3 ocupava-se extensamente da revolução russa.

Como se vê, a atitude dos socialistas alemães é bem clara. Pois no dia 4, de agosto, o socialista Haase lê, na famosa sessão do Reichstag, em nome da minoria socialista, esta extraordinária declaração:

"Soou a hora decisiva, uma hora em que uma questão de vida ou de morte se apresenta ante nós. Os resultados da política imperialista, que motivam que o mundo inteiro pegue em armas e permite que os horrores da guerra nos envolvam; os resultados desta política, digo, desencadearam-se como uma tromba de agua.

"A responsabilidade desta calamidade recai sôbre os defensores de tal política.

"Nós não somos de modo algum responsáveis. (Aplausos).

"O Partido Socialista combateu sempre essa política com tôda a energia, e ainda neste momento nos agitamos para manter a paz, realizando grandes manifestações em todos os países, sobretudo cooperando com os nossos irmãos franceses. Os nossos esforços foram vãos. E agora estamos mais que seguros de que a guerra desaba sôbre nós, e de que nos encontramos ameaçados pelo terror de uma invasão estrangeira. Não se trata agora de saber se devemos preferir a guerra ou a paz, mas de estudar os meios a adoptar para a protecção do nosso país. Pensemos neste momento nos milhões de companheiros nossos, filhos do povo, que, contra a sua vontade, se acham envolvidos nesta calamidade; serão êles os que mais sofrerão os desastres que inevitavelmente ocasiona a guerra.

"A nossa simpatia acompanha os nossos irmãos que foram chamados às fileiras, qualquer que seja o partido a que pertençam (Aplausos em tôdas as bancadas). Pensamos também nas mães que terão de separar-se de seus filhos e nas mulheres e nas crianças que se verão privadas dos seus sustentáculos e que por conseguinte viverão em constante sobres-

salto receando pela sorte dos seus entes queridos e ameaçados pelo terrível espectro da fome.

«Dezenas de milhares serão feridos ou voltarão inutilizados.

«Consideramos como um dever auxiliar todos esses infelizes, consolando as suas penas e mitigando a sua indescritível necessidade. No que se refere ao nosso povo e à sua independência, muito, senão tudo, correria perigo com o triunfo do despotismo russo, mergulhado já no sangue dos seus mais nobres filhos.

«Pertence-nos, pois, a nós, evitar esse perigo e proteger a civilização (Kultur) e independência do nosso país. Portanto, devemos justificar hoje o que dissemos sempre. Nos momentos de perigo a Alemanha pode contar sempre connosco.

«Baseamo-nos ao assumir esta atitude na doutrina estabelecida pelo movimento operário internacional, o qual reconheceu sempre o direito dos povos à sua independência nacional e à sua nacional defesa, ao mesmo tempo que repudiamos toda a guerra de conquista.

«Esperamos que tão depressa os nossos adversários se achem dispostos a negociar, se porá termo à guerra e se chegará a uma paz que tornará possível manter relações amistosas com os nossos vizinhos.

«Não desejamos isto como uma contradição com o nosso dever referente à solidariedade internacional, à qual nos consideramos tão unidos como à própria Alemanha. Confiamos em que esta luta fatal constituirá uma lição para os milhões de seres que hão de suceder-nos, uma lição que os encherá de horror eterno para toda a espécie de guerras. Que isto possa converter-los ao ideal do Socialismo e da paz internacional! *E agora, tendo presentes estas considerações, votaremos a favor dos créditos de guerra.* (Aplausos em todas as bancadas)».

Os socialistas acusam de traição a «Social Democracia»

Com o acto da declaração com que fechamos o capítulo precedente, a Social Democracia é acusada pelos socialistas dos outros países de *ter abdicado em favor de Kaiserismo*

os poderes que o proletariado lhe conferira, de atraiçoar a Internacional e sacrificar aos «junkers» e aos Hohenzollern a sua história e a sua honra.

É nestes termos que Fabra Ribas comenta a traição dos socialistas alemães.

«O govêrno do Kaiser não podia arriscar-se a empunhar as armas sem contar com o assentimento do partido socialista alemão. Assim o afirmava o próprio Bebel, no Congresso de Iena de 1905, ao defender a sua proposta sôbre a greve geral.

«Até o conservador general Liebert — dizia o *leader* socialista — um homem que está muito longe de querer fazer-nos concessões, declara que uma guerra contra a vontade decidida das massas (*wider den ausgesprochenen Willen der Massen*) é impossível. As massas reclamam o direito de dar o seu consentimento, quando pretendem levar a sua pele ao mercado...

«A luta existente na Russia inquieta os nossos governantes mais do que se julga. Teem um mêdo oculto de que a fogueira se propague, e preguntam ao ver o que succede na Russia — onde mal existe organização operária, aonde o proletariado é relativamente pouco númeroso — o que sucederia na Alemanha, onde existem massas educadas politicamente, *um proletariado organizado cujos elementos constituem, não só batalhões, mas regimentos completos do exército, e se se chamassem as reservas e as tropas territoriais (Reserve and Landwehr) haveria brigadas formadas completamente por socialistas*» =.

«Se Bebel dizia isto em 1905, quando o partido obtinha nas últimas eleições (1903) 3.010.000 votos, o que não diria em 1914, quando a Social Democracia contava 82 jornais diários; quando dos 397 deputados ao Reichstag, 113 representavam a Social Democracia; quando a minoria socialista parlamentar era, ela só, mais forte que todos os grupos liberais ou conservadores juntos, e quando os 4.239.000 votos socialistas alcançados em 1912 constituíam a terça parte dos sufrágios de toda a Alemanha?

«O voto do partido socialista alemão não era pois, um voto platónico, como teria sido o do partido socialista sérvio e até o do italiano; mas um voto do qual dependia a paz ou a guerra; um voto que significava teórica e praticamente o repúdio da luta de classes, a adesão absoluta aos princípios do

militarismo alemão e a abdicação completa a favor do kaiserismo.

«A minoria socialista parlamentar alemã votará sempre — por mandato dos congressos do partido — contra o orçamento da guerra.

«A situação em 1914 era menos clara do que em 1870? Podia, em verdade, a Social Democracia supôr que se tratava de uma guerra defensiva?

«Examinando atentamente os factos que precedentemente ficaram expostos e o que foi dito pelo *Parteivorstand*, pelo *Vorwaerts* e por Haase no periodo que precedeu a declaração de guerra, isso nem por sombras pode supôr-se.

«Bebel sustentou no Congresso Internacional de Stuttgart e no Congresso Socialista alemão de Essen, que o grande publico pode hoje discernir perfeitamente uma guerra ofensiva, de uma guerra defensiva e esta verdade não ousará negá-la nenhum dos deputados socialistas alemães, que ao votarem no dia 4 de agosto de 1914 os créditos de guerra, deram carta branca ao Kaiser e ao militarismo alemão para que convertessem a Europa em um formidavel matadouro.

«Mas isto não é tudo. Ao lado da abdicação a favor do Kaiserismo ha

A traição à Internacional

«No congresso internacional de Zurich, de 1893, respondendo ao holandês Domela Nieuwenhuis, que acusara a delegação alemã «de fazer concessões ao militarismo», Wilhelm Liebknecht pronunciou um enérgico discurso em que disse:

«— Nem um homem, nem um centimo! Eis o nosso programa. Desde que existe o exército alemão, não lhe entregamos nem um homem, nem um centimo.

«Precisamos de realizar uma campanha infatigavel. Devemos infiltrar o nosso espirito no exército. Quando a massa fôr socialista, terá chegado o fim do militarismo.

«Eis no que nos temos ocupado, nós, os alemães, no que nos ocupamos. Aqui, ante os representantes do proletariado internacional, o prometo solenemente —.

«Que se fez e que fizeram os *leaders* da Social Democracia daquela solene promessa do *soldado da Revolução*, como

o próprio Liebknecht se cognominou no célebre processo de Leipzig?

«Não é que a tenham esquecido, pois durante estes últimos anos, em tôda a imprensa do partido, em tôdas as reuniões públicas e em tôdas as conferências não cessavam de repetir o mesmo estribilho: «Keinen Mann and Keinen Groschen (nem um homem, nem um centimo).

«Alem disso, a promessa de Liebknecht foi explicitamente ratificada no congresso internacional de Amsterdam, de 1904, ao aprovar-se a noção que a Social Democracia adoptara pouco tempo antes do seu congresso nacional de Dresde.

«É precisamente a mesma Social Democracia, que declara firmemente na citada moção «repudiar tôdas as tentativas para alterar a nossa tactica provada e gloriosa, baseada na luta de classes»; é ela que condena «tôda a tentativa que possa ocultar os antagonismos de classes sempre crescentes com o propósito de facilitar uma aproximação com os partidos burgueses»; é ela, enfim, que diz «contar com a minoria do Parlamento para continuar com maior energia do que nunca a luta contra o militarismo e a política colonial e imperialista».

«E o partido que assim fala e que consegue impôr o seu critério à Internacional é o mesmo que em 4 de Agosto repudia a luta de classes, se une aos partidos burgueses e *presta o seu mais decidido apoio ao militarismo e à política colonial e imperialista que prometera combater.*

«Os deputados socialistas alemães, ao votarem os créditos para a guerra, entregaram-se de corpo e alma ao inimigo, sem reservarem qualquer garantia nem conservar faculdade alguma para defender os interesses do proletariado. Na França e na Inglaterra o Parlamento faz e desfaz os govêrnos, intervem directamente em todos os organismos do Estado e pode até retirar os poderes ao presidente e a corôa ao rei. Na Alemanha, onde o imperador é o detentor de todos os poderes e onde não existe qualquer govêrno responsavel, a única faculdade do Parlamento é a de aceitar ou regeitar os créditos que lhe apresenta o chanceler. A única arma de que dispõe o deputado alemão para fazer opposição ao govêrno é a faculdade de votar contra os créditos.

«Fóra disto, a sua acção fica reduzida a pronunciar dois discursos e a formular protestos, aos quais o chanceler pode

— como fez mais duma vez — deixar de responder, podendo até deixar de ouvi-los.

«Para apreciar devidamente a gravidade do acto praticado pela Social Democracia alemã, é preciso ter em conta o seguinte :

«Uma participação no poder é uma *atenuante* ao sacrificio que resulta da concessão dos créditos e da confiança no govêrno, porque a participação no poder é um *contrôle* que o partido exerce sôbre os créditos e a confiança que concedeu. Quando, como succede na Alemanha, não existe o regime parlamentar e a participação no poder é impossivel, a confiança que se outorga ao govêrno é cega e ilimitada, e votar a favor dos créditos equivale a passar com armas e bagagens para o inimigo.

«Foi isto que fizeram os dirigentes de um partido que combateu, como nenhum outro, a colaboração de classes e que contraíu voluntariamente ante a Internacional o compromisso de não pactuar nunca com o govêrno e de não conceder nem um homem nem um centimo ao militarismo!»

Os processos dos pacifistas aumentam as probabilidades da guerra

Tanto, tão enorme e fatigante trabalho despendido para assegurar a paz universal e afinal tudo, num momento, desaba como qualquer castelo de cartas! Em 24 horas um dos mais poderosos nucleos socialistas, renega as suas doutrinas, arrastando consigo para a guerra todos os outros...

Os socialistas terão muita razão, quando afirmam que ninguém trabalhou tanto como eles a favor da fraternidade humana—do pacifismo; mas não vejo que lhes assista razão alguma quando teimam em asseverar a eficácia do seu trabalho.

Que maior desmentido querem a semelhante asserção, do que essa guerra que ainda agora traz apavorado o mundo, talvez mais pelo barbarismo que revestiu do que pela imensidade que tomou?

Estou longe de pretender imputar ao socialismo a inteira responsabilidade da Grande Guerra, responsabilidade que os seus filiados lançam, toda, para cima dos *burgueses*, quando

homens de ciência inconcusa, em absoluto insuspeitos de parcialidade seja com que classe for, afirmam ser a guerra uma consequência das qualidades inatas no homem, e por isso essa responsabilidade caber de facto tanto aos burgueses como aos socialistas, uma vez que estes não deixaram de ser homens. Sem duvida que os socialistas não provocaram o recente conflito; tem que se reconhecer como verdade real que eles fizeram, ante a sua imediata iminencia, tudo que podiam para o evitar; mas a verdade é que pelas providências que entenderam tomar até então e que impuseram nos países em que dominavam, concorreram para a sua possibilidade. E' com toda a razão que um eminente filósofo sustentou, que «se não fosse o pacifismo da Russia, Inglaterra e França, a Europa não estaria em guerra». (1) Posso avançar, possuído de toda a convicção, que a opposição dos socialistas ás instituições armadas dos seus países, tendo prejudicado consideravelmente a defesa da França, a reorganização do exército russo após o desastre de 1904, e mantendo a Inglaterra sem exército e até levando-a a restringir a armada, contribuiu em boa escala para a eclosão do tremendo conflito. Mais ainda: a *educação* socialista preparou belos elementos para a guerra na Alemanha. E' o que, conforme cita e confirma o próprio socialista Fabra Ribas, diz a celebre socialista Rosa Luxemburgo, em artigo publicado no «Die Internationale», nestes termos: «... Napoleão disse uma vez que dois factores decidem da sorte duma batalhã: o factor *terrestre*, quer dizer o terreno, a qualidade das armas, as condições atmosféricas, etc., e o factor *divino*, isto é, o estado de espirito do exército, o seu entusiasmo e a sua fé na causa que defende. Do factor *terrestre* cuidou principalmente nesta guerra a casa Krupp, de Essen; o *divino* facilitou-o em primeiro lugar a Social Democracia. Os serviços que esta prestou aos dirigentes da guerra alemães desde 4 de Agosto e os que dia a dia lhes vem prestando são incalculáveis...

«... Nunca se tinha visto que um partido sacrificasse tudo o que representava à causa contra a qual jurára uma e mil vezes derramar até à ultima gota de sangue. A potente orga-

(1) Gustavo Le Bon. — *O problema do militarismo*.

nização da Social Democracia e a sua tão elogiada disciplina demonstraram o que valiam *pelo facto de milhões de robustos seres humanos se deixarem arrastar em 24 horas para a guerra por um punhado de parlamentares. O meio século de preparação socialista dá hoje os seus frutos na actual guerra. Toda a educação das nossas massas faz delas servidores obedientes e eficazes do imperialismo. Marx, Engels e Lassale, Liebknecht, Bebel e Singer educaram e organizaram o proletariado alemão para que Hindenburg pudesse dirigi-lo...*

— A frase é sangrenta — comenta Fabra Ribas (1) — mas desgraçadamente não pode ser mais exacta.

O erro dos socialistas ía ao ponto de, ao mesmo tempo que combatiam intransigentemente quaisquer medidas de defesa dos seus países, admitirem que o exército alemão «foi instituído sómente com o fim de proteger a Confederação da sede das conquistas das nações que dela não fazem parte!» (2)

A guerra nunca deixará de ser uma possibilidade

Temos que nos desenganar. Poder-se-ha conseguir que as guerras se tornem cada vez mais raras; os próprios progressos da sciencia conduzindo à descoberta de meios, dia a dia mais terríveis, de acção destruidora, tornando a guerra mais e mais horrível, hão-de fazer com que só em casos muito extremos se lance mão de tal recurso; a interdependência sempre crescente dos povos, tendo como resultante a solidariedade dos respectivos interesses a tal ponto que os povos que lesarem os seus adversários se lesem também a si próprios, e que se evidenciou agora como um dos factores mais importantes da paz, ha-de também ter o mesmo efeito: mas, apesar de tudo isso nunca se conseguirá, que de toda a guerra deixe de ser uma possibilidade e esta incontestável verdade importa a necessidade da existência de exércitos de maior ou menor efectivos.

Pretende-se evitar a guerra por meio de convenções. Está muito bem. Nunca, porém, desde que o mundo é mundo, se

(1) O *Socialismo e o conflito europeu*, citado.

(2) Bensabat Amzalak — *A Questão pacifista*, pg. 52.

elaboraram códigos destituídos de sanções e para fazer respeitar as convenções que se estabeleçam indispensável será criar uma polícia suficientemente forte. Assim, vemos na Constituição da Liga das Nações estes preceitos :

«As altas partes contratantes comprometem-se a respeitar e *proteger contra qualquer agressão externa* a integridade territorial e a independência política de todos os Estados membros da Liga.

«Em cada caso caberá ao Conselho Executivo fixar *as forças militares e navais que cada membro da Liga deverá enviar por sua parte para compor a força armada destinada a fazer respeitar os artigos do pacto da Liga.*»

Vê-se então que se conta com a força para assegurar o império do Direito; por outras palavras—subsistem os exércitos. Reduzidos? Seja. Poderão mesmo não ser permanentes, pelo menos os de terra? Seja ainda. Mas todas as nações procurarão ter um maquinismo que lhes garanta a mais rápida constituição duma força, de forma a não deixarem de fazer ouvir a sua voz. Basta que um dia a Liga se divida em dois grupos, de forças mais ou menos iguais, para que seja possível outra guerra mundial.

Espraia-se a dourada esperança de que a Liga das Nações resultante da Conferência de Versailles será de efeitos mais decisivos do que a Convenção de Haia. Mas à cautela surge para a defesa da França o Tratado Franco-Americano justamente julgado no Senado dos Estados Unidos, pelos liberais e radicais, como ofensivo ao prestígio da Liga ⁽¹⁾. E como se não fosse bastante esta convenção, ainda se firma o Tratado Anglo-Francês, porque, segundo as palavras do sr. Lloyd George na Camara dos Comuns, ao terminar a discussão do Tratado da Paz, «E' natural que a França, depois das perdas que sofreu e dos sacrifícios de toda a espécie que se impoz, fique certa do apoio da Inglaterra e dos Estados Unidos contra toda a possibilidade de um ataque alemão», isto quando se exprime a firme esperança de que «a Liga das Nações apasiguará todos os conflitos internacionais de futuro.» ⁽²⁾. Se é

(1) Artigo *Polícia Internacional* do *Diário do Notícias* de 23-7-919.

(2) Telegramas da *Havas*, de Londres 21-7-919.

Obras oferecidas

- 1 — Fino (Mateus de Sousa), capitão de infantaria. *Campanhas coloniais. Tactica de marcha*. Folheto de 25 p., 4 est. Imprensa Nacional, Nova Goa, 1920.

Neste pequeno folheto compendiou o sr. capitão Fino algumas criteriosas considerações sobre as marchas, procurando mostrar como as respectivas disposições regulamentares se devem aplicar às marchas nas nossas colónias. O autor manifestamente um oficial estudioso, mostra-se muito conhecedor do assunto, o que não deve surp eender quando se souber que êle foi colaborador nos programas, recentemente aprovados, para promoção aos postos inferiores no Estado da India.

À introdução seguem-se alguns capítulos, nos quais se trata sucessivamente das marchas para o inimigo, marchas em retirada, marchas de noute e duração das marchas. Termina o folheto pela reprodução integral de algumas ordens de marcha, que já hoje se podem chamar históricas e cujo interesse se torna pois desnecessário encarecer, como a «Ordem de marcha n.º 1» do acampamento de Natula, em 18 de outubro de 1896, sendo comandante da coluna J. Mousinho de Albuquerque, além de esquemas de formações, como a que adoptou a coluna de Galhardo, de Chicomo para Manjacaze, a de Marracuene, a de Namaral e a do Cuamato.

O sr. capitão Fino, com o seu interessante, embora pequeno, trabalho, faz reviver as tradições respeitáveis do antigo exército indiano, onde se revelaram tantos oficiais de verdadeiro valor, quere nos campos de batalha, quere nos trabalhos de gabinete.

T. B.

Manual da Metralhadora «Vickers» — pelo Tenente Nunes da Silva. Secretaria da Guerra — 1919 e 1920 — 2 volumes de 319 e 288 páginas.

O sr. tenente de infantaria Jorge Henrique Nunes da Silva, habil instrutor da *Escola de Metralhadoras Pesadas* elaborou e publicou, com pequeno intrecho, os dois volumes de um util livro que intitulou — *Manual da Metralhadora «Vickers»*, material este que, como se sabe, foi recentemente adquirido para os nossos Grupos de Metralhadoras.

O primeiro volume, o mais extenso, abrange duas partes, respectivamente intituladas: *Material e Instrução*.

O 2.^o volume, também subdividido em duas partes, trata da *Direcção do fogo* e do *Combate*.

A publicação desta obra, em Abril ultimo, não podia ser mais oportuna, visto tratar-se então da distribuição do novo material aos Grupos de Metralhadoras e da preparação dos respectivos instrutores. De lamentar é só que o «*Manual*» não trouxesse já o character de regulamento official, mas sem dúvida êle servirá de base à elaboração do futuro regulamento, pois deste tem já toda a forma e redacção, de tal modo o seu distinto autor se mostra plenamente conhecedor do assunto que versa e devidamente orientado ácerca do material «Vickers» e do seu mais conveniente e util emprego.

Até à publicação do futuro regulamento, o *Manual* servirá pois de guia seguro a todos quantos tenham que lidar com o novo material e ministrar a instrução de Metralhadoras.

Profusamente illustrado com numerosas estampas que acompanham não só a descrição do material como as partes respeitantes à instrução individual, á das unidades e ao emprego da metralhadora, o *Manual* parece-nos muito claramente redigido e muito completo, inspirando-se nos conhecimentos práticos e na lição deduzida da recente guerra e satisfazendo a todas as exigências que desta derivaram quanto ao variado emprego e applicação da Metralhadora. É especialmente o 2.^o volume o que se baseia nesta lição e atende áquelas multiplas exigencias, devendo por isso o seu estudo merecer particular atenção aos officiais das Metralhadoras.

Um unico senão notamos no *Manual*, e que nos parece convirá corrigir no futuro regulamento: a referencia constante às medidas inglesas *jarda*, e *milha*, quando, quer a alça da metralhadora, convenientemente rectificada, quer todas as demais referencias deveriam ser feitas à medida *metro*, como em todo o nosso material de guerra; o emprego de termos como *tapes*, *sniper* e talvez outros que deveriam ser substituidos por expressões portuguezas, embora fossem neologismos.

É muito para aplaudir o trabalho e a iniciativa do sr. tenente Nunes da Silva, a quem a Direcção da *Revista Militar* agradece a oferta do seu tão util trabalho.

P. S.



CRÓNICA MILITAR

Austria

A peça de acompanhamento da infantaria no exercito austriaco.—Para acompanhar e apoiar a infantaria no seu movimento foi dotada aquela arma em 1916 com uma peça ligeira de 37^{mm}. Nesta peça o sector horizontal de tiro é de 20.º e o sector vertical é de -30º a +40º, sendo o ângulo de elevação de 10 m/m. Emprega uma granada de 652 gr., carregada com um alto explosivo, com uma velocidade inicial de 173^m e o alcance máximo de 1900 metros.

Faz uso ainda de uma granada com balas (de 8^{gr}) e de um projectil iluminante. A cada peça correspondem imediatamente 60 projecteis, constituindo 2 cargas, de 30 projecteis cada uma pesando 26,5^k700 cada carga.

O material pode ser transportado pelo pessoal ou numa viatura.

Quando transportado pelo pessoal, constitue 4 cargas: A 1.ª, levada pelo chefe da peça, compreende o aparelho de pontaria; a 2.ª o cano, o freio e o escudo; a 3.ª o berço e as rodas; a 4.ª, o reparo.

Espanha

Ligações aéro-terrestres.—No campo de Carabanchel foram nos principios de agosto realizados diversos exercicios de ligação entre os elementos do exercito de terra e elementos de observação aerea.

Os exercicios eram subordinados a temas taticos, que foram dirigidos pelo tenente coronel Ruiz Fornells. A esquadilha da «escola de observadores» era comandada pelo major do corpo do estado maior D. Luis Gonzalo Vitoria. Nos exercicios tomaram parte officiais de todas as armas, fazendo parte da «Comissão de tatica», cujo presidente, o general Fridrich, assistiu tambem aos exercicios. Chegaram a tirar conclusões, que permitem estabelecer as regras fundamentais para as ligações aéro-terrestres, e que em breve devem ser applicadas a exercicios com tropas, para depois a comissão mixta de aviação e de tatica redigir o regulamento respectivo, de que ha urgencia para ser empregado nas operações em Africa.

Escolas praticas de aeronautica.—O primeiro periodo das escolas praticas de aeronautica foi de 1 a 31 de agosto, em Guadalajara e nele tomaram

O orçamento francês para Marrocos.—É interessante vêr a atenção que o governo francês consagra às operações na zona marroquina.

No orçamento para o proximo ano é fixado um efectivo de 85.000 homens para as forças de occupação, sendo para isso destinados 385.000.000 de francos. As despesas consideradas civis, foram orçadas em 183 milhões de francos. A França continua a dar grande importância à sua acção em Marrocos, despendendo uma soma relativamente muito superior à que despende a Espanha na sua zona de influencia.

Baixas sofridas pelo exército francês durante a última guerra.—Pelos dados estatísticos publicados pelo *Journal Officiel* se vê que o exército francês teve perdas maiores do que se fazia crer.

Nos 20 primeiros meses da guerra teve:

Officiais: mortos, 16.964; feridos, 28.410; prisioneiros, 5.467.

Praças: mortos, 597.915; feridos, 979.555; prisioneiros, 392.651.

Total das perdas neste período: mortos, 614.879; feridos, 1.007.965; prisioneiros, 398.118,

Ou sejam: 2.020.962 homens.

Nos ataques de Verdun começados em 21 de fevereiro de 1916 o exército francês perdeu 200.000 homens e o exército alemão 350.000.

Verificou-se ainda que, durante o período defensivo e que corresponde ao do comando do marechal Joffre, o exército francês perdeu mais gente do que durante a ofensiva em que comandaram os generais Nivelle e Foch.

As conclusões tiradas dêste facto e apresentadas por muitos escritores parecem-nos erroneas, pois não atendem aos meios de acção empregados na defensiva e na ofensiva.

A instrução dos officiais e quadros inferiores que hão de receber o contingente de 1920.—Pelo Ministério da Guerra foi publicado recentemente uma *Instrução* sôbre êste assunto, que merece ser analisada. Nela se declara que actualmente o quadro de officiais não é homogêneo, acentuando-se que os officiais promovidos durante a guerra carecem de conhecimentos gerais e profissionais e por isso não tem a preparação necessária para instrutores e educadores; que as classes de 1918 e 1919 receberam uma instrução muito deficiente, principalmente sob o ponto de vista de educação moral; e que a transformação do armamento e os novos meios de guerra trouxeram a necessidade de uma intensa especialização do pessoal e uma grande complexidade nos métodos e processos de instrução. Em vista disto, julga imprescindível formar quadros inferiores entre os homens da classe de 1919 e anteriores, aptos para dirigir a instrução da classe de 1920.

Considera que é indispensavel que os officiais não permaneçam alheios às grandes questões que nasceram da guerra, nem às variações fundamentais que affectaram a economia política e social, a história geral, a geografia política, económica e colonial, a organização política e militar e outras questões de alto interesse social. Torna-se necessário que estas questões sejam tratadas em conferências regimentais e de guarnição, para o que podem servir de norma os livros adoptados para preparar a admissão à escola superior de guerra.

Os novos oficiais, promovidos durante a guerra, serão chamados a frequentar cursos especiais por armas para serem instruídos em diversas questões que não tiveram ocasião de praticar durante a guerra. Os exercícios físicos deverão constituir também uma parte importante da instrução dos oficiais para que possam servir de exemplo aos recrutas, que terão de instruir.

Cursos regimentais serão estabelecidos para preparar os quadros inferiores que hão de auxiliar os oficiais na instrução dos recrutas.

A *Instrução* ministerial determina que se realizem exercícios de aplicação sôbre a carta e sôbre o terreno com tropas e com quadros, de maneira a tomar conhecimento do emprego técnico e prático dos diferentes instrumentos modernos de guerra, devendo esses exercícios realizar-se sob a direcção dos chefes dos corpos. Exercícios análogos deverão ter lugar com todas as armas nas unidades superiores—brigadas, divisões e corpos de exército.

Também determina que se realizem conferências de guarnição e trabalhos pessoais. Cursos de aperfeiçoamento para os sargentos devem ser organizados de modo a prepara-los para instrutores dos recrutas de 1920.

E' ainda recomendado que os oficiais de Estado Maior conservem um íntimo contacto com as diferentes armas e em especial com a da sua origem; que mantenham o treino nos serviços de estado maior; e que evitem o mais possível deixar-se absorver pelos serviços de mero expediente de secretaria em detrimento do treino físico.

Exercícios especiais serão organizados nos Estados Maiores das divisões e corpos de exército, para serem estudados o funcionamento dos Estados Maiores e dos serviços das grandes unidades, realizando-se também reconhecimentos nas regiões fronteiriças.

Como vemos, procura-se desenvolver o mais possível a instrução dos oficiais e sargentos no exército francês, como uma necessidade instante derivada da última guerra, empregando-se novos métodos e novos processos de instrução.

Os efectivos nas fileiras e a redução do tempo de serviço.—A demora que tem havido em chegar a um acordo com a Alemanha relativamente à execução do tratado de Versailles, tem obrigado a conservar 3 classes nas fileiras: ainda se conserva a de 1918, que fez a guerra e que está muito reduzida; a de 1919 e 2/3 da de 1920, que foram encorporadas por antecipação em 15 de março, devendo o 1/3 restante ser encorporado em outubro. A paz ainda não está consolidada e por isso há hesitações em reduzir o tempo de serviço nas fileiras, ainda que todos estejam de acordo que, as lições da última guerra mostram que um soldado se faz em menos de 2 anos.

Diversos projectos tem sido mesmo já apresentados nas camaras francesas.

Entre varios, notam-se o do deputado socialista Paulo Boncour e o do senador Paulo Doumer. O primeiro propõe que a duração total do serviço militar seja de 28 anos, sendo de 8 meses no 1.º ano e havendo 4 períodos de convocação de 15 dias cada um.

O segundo propõe 25 anos de serviço, sendo de 12 meses no 1.º ano e 4 convocações, de 23 dias para as duas primeiras e de 13 dias para cada uma das outras duas.

Aumento de vencimentos aos oficiais e sargentos.— No orçamento da guerra, apresentado às camaras pelo relator Mr. Henry Paté, está indicada a necessidade de aumentar os vencimentos aos oficiais do exército e aos sargentos para assim se procurar evitar a falta de concorrência que há às escolas militares e melhorar as condições económicas dos mesmos oficiais, visto que é esta uma das causas que está afastando os oficiais do exército, pois encontram na vida civil uma maior remuneração. Propõe uma gratificação diária de 6,5 francos para os generais no 1.º terço da escala; de 5,5 francos para os que estão no segundo terço; de 4,5 francos para os que estão no último terço.

Para os oficiais superiores, respectivamente 6 francos, 5 francos e 4 francos.

Para os capitães e subalternos respectivamente 5,5 francos, 4,5 francos, e 3,5 francos. Para os sargentos respectivamente 4 francos, 3 francos e 2 francos.

Para os oficiais ou sargentos casados ou com encargo de familia, estas gratificações serão duplicadas.

Italia

A siderurgia italiana durante a guerra, e depois, até 1919.— Segundo um artigo publicado pela *Revista de Artigleria e Genio*, a Italia durante a guerra fez um esforço consideravel para aumentar a sua produção siderurgica, relativa ao aço e à guza. Desde maio a dezembro de 1915 produziu 135.000 T de guza e 355.000T de aço; durante o ano de 1916, produziu respectivamente 206.000T e 437.000T de guza e aço; de março a dezembro de 1917 a produção da guza foi de 190.000T e a do aço foi de 518.000T; em 1918, foi respectivamente de 157.000T e 325.000T; de abril a dezembro de 1919, foi de 90.000T e 205.000T. Apesar do grande aumento de consumo de aço durante a guerra, é certo que as importações em 1916 foram de 50 % das normais, anteriormente à guerra, e durante 1917 e 1918 foram iguais.

Actualmente a Italia precisa de grandes quantidades de aço, e ainda mesmo que a exploração da zona de guerra dê, segundo os cálculos, umas 700.000T, contudo isto é ainda muito pouco; e, como se não deve contar com a importação do estrangeiro, cuja produção tem diminuido, é natural que a Italia tenha de contar com os seus proprios recursos, que são insufficientes. Se Portugal possuísse carvão, os seus abundantes jazigos de ferro constituiriam uma riqueza incalculavel, pois poderia fornecer o aço a muitas nações da Europa, que tem actualmente uma grande carencia deste metal.

Diversos

Efectivos dos exércitos beligerantes no decurso da grande guerra.— Ao iniciar-se a guerra, em agosto de 1914, a França tinha mobilizado 1.400.000 homens; a Inglaterra, 70.000; a Russia, 2.160.000; a Italia entrou no momento da sua declaração de guerra com 530.000. Total: 4.160.000 homens.

Ao concluirem a luta, a França tinha 2.320.000 homens; a Inglaterra, 1.800.000; a Russia, 4.280.000; a Italia, 860.000.

Total: 9.260.000 homens. Se juntarmos as forças mobilizadas pelos Estados Unidos, que chegaram a atingir 4.800.000 homens, vemos que a retirada da Rússia, não affectou os efectivos da «Entente».

A Alemanha iniciou a luta com 1.640.000 homens e a Austria com 950.000, o que dava para estes dois aliados 2.590.000. Ao terminarem a luta tinham respectivamente 4.320.000 e 1.440.000, o que dá um total de 5.760.000 homens.

A Alemanha, que tinha 50 divisões no pé de paz, mobilizou 91 e concluiu a guerra com 240. A Austria tinha 49 divisões no pé de paz, mobilizou 78, e, ao terminar a guerra dispunha de 128. A Inglaterra, tinha no pé de paz 6 divisões, mobilizou 4 e concluiu a guerra tendo 100. A Italia tinha no pé de paz 25, mobilizou 28, e ao terminar a guerra dispunha de 48.

A Rússia tinha no pé de paz 70, mobilizou 120, e ao fazer a paz contava com 238.

O corpo de exército durante a grande guerra.—Tendo aumentado consideravelmente os meios de acção das diferentes unidades e tendo-se creado elementos novos, a grande unidade *corpo de exército* tornou-se pesada e difficil de manejar, e, sendo constituida por 2 divisões, não era possivel reduzir o número destas unidades, e por isso teve-se de recorrer ao aligeiramento destas; mas como a artilharia era considerada como a arma preponderante, não se reduziu o número de bocas de fogo desta unidade, e reduziu-se antes o número de regimentos de infantaria, que de 4 passaram a 3, constituindo uma brigada. A divisão passou, pois a ser constituida por uma brigada de infantaria e outra de artilharia, esta a 2 regimentos.

O corpo de exército com 2 divisões dispunha assim de 18 batalhões de infantaria e 24 ou 30 baterias de artilharia com as tropas e serviços auxiliares.

Pode ser possivel a um aviador elevar-se no ar a 12.000 metros?—Um dos mais notáveis aviadores mundiais, Mr. João Casale, que já se elevou em junho de 1919 a 9.520 metros, procura tornar possivel elevar-se a 12.000 metros.

Os dois maiores obstaculos para a elevação a grandes altitudes são o frio, que chega a atingir -50° , e a falta de oxigénio nas altas camadas de ar rarefeito. Apesar das medidas até hoje adoptadas, como seja o aquecimento por meio da electricidade e o emprego de oxigénio, contudo a partir de 8.000 metros, torna-se difficil ao aviador manobrar os aparelhos, não só pela falta de movimento nos braços, mas ainda pela ausência da vontade e da memória.

A estes inconvenientes procura Casale remediar por processos especiais, que está experimentando, para então tentar a execução de uma ascensão a 12.000 metros.

V. C.

CRÓNICA MARÍTIMA

Portugal

Os novos sloops. Navios das nações centrais entregues a Portugal. — Por notícias particulares recebidas de Inglaterra, sabe-se que vão muito adiantadas as reparações a que foram submetidos os 2 *sloops* adquiridos pelo Governo português, esperando-se que em breve cheguem ao Tejo. Quanto aos navios dos impérios centrais, que como reparação nos foram atribuídos nas negociações da paz, nada consta por enquanto acerca da data provável da sua entrega à marinha portuguesa, não obstante todas as grandes potências já terem recebido muitas das unidades que lhes foram destinadas.

Argentina

Marinha mercante. A exemplo do que fez o governo norte-americano, que aproveitou a grande guerra para se libertar da dependência em que se encontrava das marinhas estrangeiras, também a Argentina procura com o mesmo fim, aumentar a sua marinha mercante. Segundo consta, o governo daquela república encomendou em Espanha a construção de 400.000 toneladas de navios mercantes, o que quasi quaduplicará o valôr actual da sua frota.

Estados-Unidos da America

Campo de acção do exercito e da armada em tempo de guerra. — As autoridades navaias americanas, julgando necessário definir rigorosamente as funções que correspondem ao exercito e a armada em tempo de guerra, entregaram ultimamente o estudo do assunto a uma comissão mixta de officiaes de terra e mar, que formulou o seu parecer nos seguintes termos:

A marinha compete alcançar e conservar, por meio da esquadra de batalha, o domínio das linhas vitais de comunicação, assegurando aos navios nacionais a máxima liberdade de movimentos e impedindo ao inimigo o uso de semelhante faculdade. Essa liberdade só pode ser assegurada, ou pela derrota decisiva das forças principais do inimigo, ou pela sua neutralização. Pela defesa naval costeira (submarinos, lança-minas, draga-minas, etc.) cabe ainda à marinha o dever de dominar as comunicações marítimas dentro das

áreas que lhes estão afectas e, quando não possa realizar essa função, cumpre-lhe, pelo menos, impedir que o inimigo obtenha o contróllo das linhas de comunicação vitais.

Ao exercito por seu lado compete:

1.º Defender o territorio continental dos Estados Unidos e todos os pontos permanentemente fortificados e ocupados por tropas em tempo de paz, quer da invasão, quer da conquista.

2.º Operar ofensivamente contra as possessões do inimigo ou contra o seu territorio, quando a marinha tiver obtido o contróllo das comunicações marítimas e a situação militar o permitir.

3.º Substituir as guarnições da marinha nas bases temporarias, que esta tenha conquistado, logo que as comunicações marítimas estejam efectivamente asseguradas.

O ministerio da marinha deve informar o da guerra acerca dos locais em que reputa indispensável estabelecer a defesa territorial, indicando-lhe também quais as disposições defensivas adoptadas pelo exercito, que não considera satisfatorias debaixo do ponto de vista naval.

França

Farol para a navegação aerea. Em Lille foi inaugurado um farol aereo, cuja característica é a letra A do alfabeto de Morse, repetida de 8 em 8 segundos.

Espanha

O futuro de Vigo e o porto de Lisboa.— Passou despercebido da imprensa portuguesa, o projecto do governo espanhol autorizando a emissão dum emprestimo de cem milhões de pesetas, para as obras do porto de Vigo, projecto a que as revistas estrangeiras largamente se referiram.

A intenção do governo hespanhol é fazer de Vigo o maior e melhor porto da peninsula, em detrimento do de Lisboa.

Inglaterra

O comercio inglês na Índia.— Entre as muitas dificuldades que ultimamente tem assaltado o império inglês, não é certamente das menores a que se refere à invasão dos produtos americanos e japoneses nos mercados da Índia. Antes da guerra a Gran-Bretanha estava representada por 62,8 % na importação total da Índia britânica, enquanto que os índices relativos ao Japão e Estados Unidos eram respectivamente 2,5 % e 3,1 %. No ano de 1918-1919 aqueles números passaram a ser, para a Inglaterra 45,5 %, para o Japão 20 % e para America 9,5 %. O aumento das relações comerciais entre o império japonês e a Índia deve-se em grande parte, ao que parece, à propaganda dos caixeiros viajantes que tem sido mandados para aquela colónia britânica, e que passaram de 32 em 1911, a 2000 nos últimos tempos.

Italia

Um estudo sobre a importância dos submarinos.—O comandante Bernotti publicou no último número da *Rivista Marittima*, um interessante e notável artigo sobre submarinos, cuja leitura recomendamos aos nossos assinantes. Com prazer verificamos que em relação ao bloqueio, o comandante Bernotti—que é incontestável autoridade nestes assuntos—sustenta doutrina análoga à que foi defendida nestas páginas, em Agosto de 1917, num artigo consagrado à influência exercida modernamente pelo submarino na arte da guerra naval.

M. O.

Francia

Espanha



Inglaterra

BIBLIOGRAFIA

I—LIVROS

França

- 1 MINISTÈRE DE LA GUERRE.—*Règlement provisoire de manœuvre d'infanterie du 1.^{re} février 1920.* (1.^{re} partie). Volume 19/11, broché. Editeur Berger Levrault Paris. 2 fr. 50.
- 2 MINISTÈRE DE LA GUERRE.—*Instruction provisoire sur le combat offensif des petites unités, du 4 avril 1919.* 1920. Volume 19/11, broché. Editeur Berger Levrault Paris. 2 fr.
- 3 MINISTÈRE DE LA GUERRE.—*Instruction du 1.^{er} juillet 1918 sur le fusil m^{le} 1907-1915,* 1920. Volume 19/11, broché. Editeur Berger Levrault Paris 1 fr. 25
- 4 MINISTÈRE DE LA GUERRE.—*Instruction du 27 mars 1918 sur les mousqueton m^{le} 1892 et m^{le} 1892-M. 1916 et sur les carabines m^{le} 1890.* 1920. Volume 19/11, broché. Editeur Berger Levrault Paris. 1 fr. 50
- 5 CAMENA D'ALMEIDA (P.).—*L'Armée allemande avant et pendant la guerre de 1914-1918.* 1919. Volume in-8, broché. Editeur Berger Levrault Paris. 12 fr. + 50 %.
- 6 ENGELHARD, lieutenant-colonel.—*Conseils pour l'instruction pratique des unités d'infanterie en vue du combat.* 1920. Volume in-8, broché. Editeur Berger Levrault Paris. Net. 10 fr.
- 7 ROUQUEROL (Gabriel), général.—*Après la Victoire. Notes et critiques.* 1919. Volume in-12. Editeur Berger Levrault. 3 fr. 50 + 50 %.
- 8 HELSEY (Ed.).—*Les Aventures de l'Armée d'Orient* 1920. Volume 18,5/11,7, broché. Editeur Berger Levrault Paris. 6 fr.
- 9 FALKENHAYN (Erich von).—*Le Commandement suprême de l'armée allemande 1914-1916 et ses décisions essentielles.* Traduit par le général NIESSEL. 1920. Volume 16,7/25,5, broché. Editeur Berger Levrault Paris. 24 fr.
- 10 DESFLANDRES (Jean).—*Rennbahn. Trente-deux mois de captivité en Allemagne (1914-1917). Souvenirs d'un Soldat belge.* 1920. Deux vol. 18,5/12, br. 10 fr.
- 11 GIRAUD (V.).—*Histoire de la grande guerre.* Tome IV. 1920. Volume in-8, br. Editeur Berger Levrault Paris. 4 fr.
- 12 LE FUR (Louis).—*Guerre juste et juste paix.* 1920. Volume 25/16, br. Editeur Berger Levrault Paris. 12 fr.

- 13 CASTAING (Général Gomer). — *Sur le front. Méditations et pensées de de guerre (août 1914-mars 1918)*. 1920. Volume 19/12, broché. Editeur Berger Levrault Paris. 5 fr.
- 14 N... — *Écoles de sous-officiers élèves officiers*. 1920. Volume 23/14, broché. Editeur Berger Levrault Paris. 2 fr. 50.
- 15 DARTIGE DU FOURNET (Vice-Amiral). — *Souvenirs de guerre d'un amiral. 1914-1916*. 1920. Volume 18,5/12, broché. Editeur Berger Levrault Paris. 6 fr.
- 16 ROUQUEROL (Général Gabriel). — *Le Canon artisan de la Victoire*. Préface de M. Gabriel HANOTAUX. 1920. Volume in-16, broché. Editeur Berger Levrault Paris. 3 fr. + 50 %.
- 17 DOUMENC (Commandant). — *Les Transports automobiles sur le front français, 1914-1916*. 1920. Volume 18,5/12, broché. Editeur Levrault Paris. 6 fr.
- 18 ENGERAND (Fernand). — *La Bataille de la frontière. Août 1914. Briey*. 1920. Volume 14,5/23, broché. Editeur Berger Levrault. 7 fr. 50.
- 19 MADELIN (Louis). — *Verdun*. Volume 11/17, broché. Editeur Berger Levrault. 2 fr. 75.
- 20 REINACH (Joseph). — *L'Année de la paix*. 1920. Volume 11,75/18,5, br. Editeur Berger Levrault Paris. 5 fr.
- 21 HEUZÉ (Paul). — *Les Camions de la Victoire*. 1920. Volume in-16, broché. Editeur Berger Levrault Paris. Net. 5 fr.
- 22 MELIN (Commandant). — *Guide pratique à l'usage des commandants de recrutement et des officiers du service des effectifs*. 1920. Vol. in-8, br. Editeur Berger Levrault Paris. 7 fr. 50.
- 23 PIERREFEU (JEAN DE) — *G. Q. G., secteur 1. Trois ans au grand quartier général, par le rédacteur du communiqué*. 1912. Deux volumes 12/19, brochés. Editeur Levrault Paris. 10 fr.
- 24 THAMIN (Raymond). — *Pédagogie de guerre*. 1920. Volume in-16, br. Editeur Berger Levrault Paris. 5 fr.
- 25 DAUZET (P.) — *Gloria. Toute l'histoire de la guerre*. 1920. Volume in-16, broché. Editeur Berger Levrault Paris. 7 fr. 50 -- Relié 10 fr.
- 26 LABROUSSE-FONBELLE (G.) — *Mon artilleur (1914-1918)*. 1920. Vol. 18/12, broché. Editeur Berger Levrault Paris. 4 fr. 50.
- 27 SCHEFFER (Ch.) — *D'une guerre à l'autre*. 1920. Volume 14,5/23, broché. Editeur Berger Levrault Paris. 12 fr.
- 28 GALLIENI (Général) — *Mémoires*. 1920. Volume 23/14, broché. Editeur Berger Levrault Paris. 16 fr.
- 29 BORNECQUE (Capitaine H.) et VALFORIC (R. DE) — *Les Ailes de la bataille*. 1920. Volume in-8, broché. Editeur Berger Levrault Paris. 10 fr. — Cartonné, 15 fr.
- 30 BOUVARD — *Les Leçons militaires de la guerre*. 1920. Volume 13,5/20, br. Editeur Berger Levrault Paris. 9 fr.
- 31 DAVELUY (Contre-amiral) — *L'Action maritime pendant la guerre anti-germanique. Tome I*. 1920. Volume in-8, broché. Editeur Berger Levrault Paris. 8 fr. + 100 %.
- 32 JEANNIN (Lieut. de vaisseau) — *Les Bâtiments de surface dans la guerre navale*. Volume in-8, broché. Editeur Berger Levrault Paris. 3 fr. + 100 %.

- 33 VASCHALDE.— *Marine et guerre navale*. 1920. Volume 13,5/20, broché. Editeur Berger-Levrault Paris. 9 fr.
- 34 HANGUILLART (Commandant).— *A l'École de la guerre. La Volonté d'agir. Feu et mouvement. Patrouilles de guerre extraites d'un recueil de plus de 1.000 opérations de cette nature*. 1920. Volume grand in-8 avec 37 croquis en couleurs hors texte. Editeur Berger-Levrault Paris. Net. 11 fr. 25.
- 35 PHOTIADÈS (Constantin).— *La Victoire des Alliés en Orient (15 septembre-13 novembre 1918)*. Volume 18,5/12, broché. Editeur Berger-Levrault Paris. 7 fr. 50.
- 36 RECOULY (R.).— *La Bataille de Foch*. Volume in-16, broché. Editeur Berger-Levrault Paris. 5 fr.
- 37 LAVAL (Dr Édouard).— *La Maladie et la Mort du général Gallieni*. 1920. Volume 12/19, broché. Editeur Berger-Levrault Paris. 2 fr. 50.
- 38 LOREDAN (Jean).— *Lille et l'Invasion allemande 1914-1918*. 1920. Vol. 12/19, broché. Editeur Berger-Levrault Paris. 6 fr.
- 39 ARDOIN (P.).— *L'Escadre allemande du Pacifique*. 1920. Volume in-16, broché. Editeur Berger-Levrault Paris. 2 fr. 50 + 100 %.
- 40 PERCIN (Général).— *L'Armée de demain*. 1920. Volume 15,5/12, broché. Editeur Berger-Levrault Paris. 2 fr.
- 41 ROGIE (L.-E.).— *La Grande Guerre. Simple récit et Lectures*. 1920. Volume 18,5/12, broché. Editeur Berger-Levrault Paris. 3 fr. 30.
- 42 VERNEUIL.— *Souvenirs de la Grande Guerre*. 1920. Volume in-8 illustré, broché. Editeur Berger-Levrault Paris. 10 fr. — Cartonné, 15 fr.
- 43 ***.— *Le Plan XVII*. 1920. Volume 18/12, broché. Editeur Berger-Levrault Paris. 6 fr.
- 44 BARDOUX (Jacques).— *La Marche à la guerre*. 1920. Volume 24,5/13,5, broché. Editeur Berger-Levrault Paris. 15 fr.
- 45 GHEUSI (P.-B.).— *Guerre et Théâtre. 1914-1918*. Mémoires d'un officier du général Gallieni et journal parisien du Directeur du Théâtre national de l'Opéra-Comique pendant la guerre. 1919. Volume in-8, broché. Editeur Berger-Levrault Paris. Net. 10 fr.

II — PERIODICOS

Portugal

- 1 *Anais do Club Militar Naval*, n.º 506 de Maio e Junho de 1920. O curso naval de guerra. Notas para os serviços administrativos das forças de marinha operando em terra. Determinação da época do ano e os números congruentes. Etc.
- 2 *O Instituto*, n.º 7 de Julho de 1920. Medicina primitiva. O movimento tipográfico em Portugal no século XVI. A embaixada de Tristão de Mendonça Furtado à Holanda em 1641.

Brasil

- 1 *Revista dos Militares*, n.ºs 119 e 120 de Maio e Junho de 1920. O corpo de oficiais — Complemento à lei orçamentária. O cavalo creoulo. No-

tas sobre marchas e serviço de segurança. Documentos históricos.— Sobre a encampação da Auxiliaire. O serviço militar de curta duração. Temas táticos de artilharia.

Colombia

- 1 *Memorial del Estado Mayor del Ejercito de Colombia*, n.º 95 de Maio de 1920. Batalla de El Palo. Telemetro Hann de artilleria Revista militar en Alicachin.

Espanha

- 1 *Memorial de Caballeria*, n.º 49 de Julho de 1920 La oficialidad de nuestros dias. Yegüadas y sementales. Un hermoso articulo del illustre coronel Boullaire.

Estados Unidos

- 1 *The Internacional Military Digest*. N.ºs 2 e 3 do vol. 8.º de Agosto e Setembro de 1920.

França

- 1 *La Revue d'Infanterie*, n.º 335 de 15 de Agosto de 1920 Quelques réflexions sur le problème de la réorganisation militaire.— Les cadres et effectifs de l'infanterie d'après-guerre. Evolution de l'armement de l'infanterie pendant la guerre. L'instruction de l'infanterie.— La preparation technique. Les facteurs du problème du tir antiaérien des armes portatives. Etc.
- 2 *Revue Militaire Générale*, n.º 8 Agosto de 1920. Les forces militaires de la France. Falkenhayn.— La percée et l'exploitation. Note sur le canon d'accompagnement de l'infanterie.

Italia

- 1 *Rivista de Artiglieria e Genio*, n.º de Abril-Maio de 1920. Medaglie d'oro al valor militare. La ritirata dell'artiglieria del 1.º Corpo d'armata dal Cadore a Montebelluna. Etc.

Suissa

- 1 *Révue Militaire Suisse*, n.º 8 de Agosto de 1920. De Charleroi à la Marne. Recrutement. Etude sur la reorganisation de l'infanterie. Etc.